

Delatando Segredos: a análise bourdieusiana do campo acadêmico

Daiane Vaz Machado*

Denouncing secrets: the bourdesian analysis of the academicals field **Abstract**

The Homo Academicus work, written in 1984 by sociologist Pierre Bourdieu (1930-2002), was published in Brazil later in 2011 alone. We say late because language forged by Bourdieu in his texts is very present in the academic space, and why this work is part of a issue which made him known to the Brazilian public: the education system, their social reproduction and academic interests and political interwoven in it.

Keywords: field, education, Bourdieu.

Secretos denunciante: análisis bourdieusiana del campo académico **Resumen**

El trabajo Homo Academicus, escrito en 1984 por el sociólogo Pierre Bourdieu (1930-2002), fue publicado en Brasil después de 2011 solamente. Decimos tarde porque el lenguaje forjado por Bourdieu en sus textos está muy presente en el espacio académico, y por qué este trabajo es parte de un tema que lo hizo conocido para el público brasileño: el sistema educativo, su reproducción social y académico de los intereses y entretrejo en lo político.

Palabras claves: campo, educación, Bourdieu.

Resumo

A obra Homo Academicus, escrita em 1984 pelo sociólogo Pierre Bourdieu (1930-2002), foi publicada no Brasil tardiamente, apenas em 2011. Dizemos tardiamente porque a linguagem forjada por Bourdieu em seus textos está muito presente no espaço acadêmico, e porque essa obra se insere num dos temas que mais o tornou conhecido do público brasileiro: o sistema de ensino, suas formas de reprodução social e os interesses acadêmicos e políticos nele imbricados.

Palavras-Chave: campo, ensino, Bourdieu.

A obra Homo Academicus, escrita em 1984 pelo sociólogo Pierre Bourdieu (1930-2002), foi publicada no Brasil tardiamente, apenas em 2011. Dizemos tardiamente porque a linguagem forjada por Bourdieu em seus textos está muito presente no espaço acadêmico, e porque essa obra se insere num dos temas que mais o tornou conhecido do público brasileiro: o sistema de ensino, suas formas de reprodução social e os interesses acadêmicos e políticos nele imbricados.

Engajado na produção de uma sociologia crítica, o autor procurou compreender as relações entre cultura, ciência, escola, mídia e reprodução social, delineando ao longo de sua trajetória um sistema de explicação sociológica da dominação social. Entre as obras que circundam esses temas citamos aqui: *Les héritiers* (1964), *A reprodução* (1970) - ambas foram escritas com a parceria de Jean-Claude Passeron -, *Homo Academicus* (1984) e *La noblesse d'État* (1989).

Dentre esses textos foi em Homo Academicus que o autor encarou veemente as regras do seu próprio campo, ou seja, o campo universitário francês. O livro possui cinco capítulos, quatro anexos que conduzem o leitor a base empírica da pesquisa, e um Posfácio. O texto - que se situa contextualmente entre momentos antes, durante e pós Maio de 1968 - penetra nas estruturas do mundo acadêmico tentando desnudar conchavos, interesses, conflitos, relações de força, crises e

*.Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História - UNESP, bolsista FAPESP.

ruptura de equilíbrios. Sem dúvida uma tarefa árdua, pois “analisar cientificamente o mundo universitário é tomar como objeto uma instituição que é socialmente reconhecida como fundada para realizar uma objetivação que pretende a objetividade e a universalidade” (BOURDIEU, 2011, p. 289). Denota-se, então, a complexidade de se analisar uma instituição que é dotada de poder simbólico no espaço social.

Se a intenção do autor na obra foi “demolir o Homo academicus, classificador entre os classificadores, nas suas próprias classificações” (BOURDIEU, 2011, p. 287), ou seja, delatar os segredos da sua classe, este não seria “Um ‘livro para queimar?’”. Esse é o título do primeiro capítulo, nele o autor trata das implicações epistemológicas e éticas de se analisar o campo universitário. O olhar sociológico precisa estar sob “vigilância epistemológica” e o analista deve distanciar-se, mas “sem perder os benefícios da familiaridade”, assumindo o risco de possíveis reducionismos ao interpretar o mundo social no qual participa. Dito isso, cabe antes de seguirmos apresentado o texto nos deter em alguns conceitos da sociologia bourdieusiana que são chaves interpretativas para o estudo do mundo acadêmico francês.

Bourdieu fundamenta sua sociologia na filosofia da ciência, ou relacional, em que concebe primazia às relações, e na filosofia da ação, às vezes chamada de disposicional,

[...] que atualiza as potencialidades inscritas nos corpos dos agentes e na estrutura das situações nas quais eles atuam ou, mais precisamente, em sua relação. Essa filosofia condensada em um pequeno número de conceitos fundamentais – habitus, campo, capital – e que tem como ponto central a relação, de mão dupla, entre as estruturas objetivas (dos campos sociais) e as estruturas incorporadas (do habitus) (BOURDIEU, 1996, p. 10, grifo do autor).

Em termos analíticos, o campo permite pensar o funcionamento de uma sociedade intelectual, artística, literária, científica, política, etc., e pode ser entendido como um espaço “marcado por relações de força, interesses e estratégias” (SILVA, 2002, p. 120), em que os agentes que nele se encontram envolvidos se enfrentam com meios e fins diferenciados. Essa noção pressupõe a análise do habitus, “estruturas mentais adquiridas e incorporadas através da herança cultural e da formação educacional” (SILVA, 2002, p. 119). O habitus vincula um conjunto de indivíduos entre si por uma afinidade de estilo, essa unidade pressupõe princípios geradores de práticas distintas, distinguindo-se o agente pelas suas escolhas, bens e ações; e distintivas, pois diferencia o agente de outros modos de vida.

Segundo Bourdieu, distinção “é de fato diferença, separação, traço distintivo, resumindo, propriedade relacional que só existe em relação a outras particularidades” (BOURDIEU, 1996, p. 18, grifo do autor). No estudo das práticas de distinção, o autor também utiliza termos da economia, como quando trata dos princípios de diferenciação: capital econômico, social, cultural e simbólico.

Essas noções-chave aparecem fortemente no segundo capítulo, quando o autor analisa “O conflito das faculdades”. Bourdieu demonstra que existe uma hierarquia social das faculdades e dentro delas das diferentes disciplinas. Para tanto, ele faz uma prosopografia dos professores trabalhando com dados estatísticos gerados a partir de “indicadores pertinentes”, tais como: capital econômico e social herdado; determinantes escolares; capital de poder universitário; capital de poder científico; capital de prestígio científico; capital de notoriedade intelectual; capital de poder político e econômico; disposições ‘políticas’ em sentido amplo. Com gráficos de “Análise de correspondências”, o autor procura evidenciar a relação existente entre o capital herdado, a distribuição dos agentes nas

faculdades e as posições que ocupam na hierarquia institucional. A análise explora a oposição existente no interior das faculdades de Medicina e Direito e de Letras e Ciências Humanas, e explicita como o campo universitário francês organizava-se de acordo com dois princípios de hierarquização antagônicos: “a hierarquia social segundo o capital herdado e o capital econômico e político atualmente detido se opõe à hierarquia específica, propriamente cultural, segundo o capital de autoridade científica ou de notoriedade interna” (BOURDIEU, 2011, p.78).

Assim, e já no terceiro capítulo, Bourdieu põe em xeque a ideia da meritocracia científica que consagra institucionalmente determinados agentes. Segundo o autor, o campo das letras e das ciências humanas se organiza em torno da oposição entre duas espécies de poder: O poder propriamente universitário controla os instrumentos de reprodução do corpo professoral; e o poder ou autoridade científica é aquele medido pela direção de uma equipe de pesquisa, pelo número de publicações, citações, traduções, enfim, pelo prestígio intelectual e científico. Esses poderes dividem-se, por exemplo, entre as próprias faculdades, há distinções entre aqueles que se formaram e posteriormente ingressaram como profissionais na Sorbonne, no Colégio de França ou na Escola dos Altos Estudos.

A autoridade dentro das faculdades está ligada a uma lógica de reprodução e conservação do grupo, que pode ser independente do valor científico das produções, uma vez que “o capital universitário se obtém e se mantém por meio da ocupação de posições que permitem dominar outras posições e seus ocupantes [...]” (BOURDIEU, 2011, p. 115). Com um tom que soa até mesmo agressivo, Bourdieu chama os orientandos de “clientes” de seus orientadores, pois muitas vezes não são as afinidades intelectuais que predominam na relação entre eles, mas sim as sociais. Estritamente ligada à escolha de um orientador “poderoso” está o sucesso na carreira docente e, conseqüentemente, a conquista de postos institucionais. O panorama abala-se com as mudanças na estrutura universitária inseridas no contexto da crise de Maio de 1968, tema do capítulo seguinte.

O crescimento da população dos estudantes e dos professores subalternos (assistentes e mestres-assistentes), o aumento da influência de instâncias de consagração externa (como o jornalismo cultural), a criação de Centro de Pesquisa e a emancipação de algumas disciplinas, evidenciam um momento de mudanças morfológicas no campo. Surge, assim, a crise das gerações universitárias, o confronto quanto aos critérios para admissão e ascensão na carreira. Maio de 1968 francês é considerado “O momento crítico” (nome do último capítulo) para a estrutura universitária francesa, pois “põe em suspenso a ordem ordinária das sucessões e a experiência ordinária do tempo como presença num futuro já presente” (BOURDIEU, 2011, p. 234).

Os posicionamentos políticos, as filiações sindicais, as opiniões publicadas durante as jornadas de Maio de 1968, correspondem aos embates das diferentes gerações universitárias e evidenciam que são “as posições no campo universitário que orientam os posicionamentos sobre a política em geral e sobre os problemas universitários” (BOURDIEU, 2011, p. 295). Bourdieu compreende a crise universitária como parte da crise geral de Maio de 1968, que é, por sua vez, resultado da “sincronização de crises latentes de diferentes campos” (BOURDIEU, 2011, p. 233), visto que em distintas esferas contestaram-se as bases do centralismo do poder político, econômico e cultural do mundo social francês.

Ao finalizar sua análise, o sociólogo avalia que a “nova vida estudantil” parece ter atraído os mestres contestadores do poder e também os professores que se adaptaram as novas condições, sinalizando que se vive no pós-Maio de 1968 uma espécie de nova experimentação social.

Em *Homo Academicus*, o funcionamento da estrutura universitária é delatado, o espaço do diálogo, da produção do saber científico é também o lugar em que se encontram e se confrontam interesses políticos e econômicos. Embora a escolha do espaço de observação tenha sido o francês, com esta tradução o leitor brasileiro tem em mãos uma análise que pode guiá-lo criticamente no estudo da história das engrenagens do nosso campo acadêmico, considerando, é claro, as nossas particularidades.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: Sobre a teoria da ação**. Trad. Mariza Corrêa. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **Homo academicus**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.

SILVA, Helenice R. da. **Fragmentos da história intelectual: Entre questionamentos e perspectivas**. Campinas, SP: Papyrus, 2002.

Recebido em: 13/03/2012

Aprovado em: 22/04/2013
